

## SERMÃO 15

### NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este é outro dos sermões adicionados à edição definitiva dos sermões Doutrinários de Wesley. É inteiramente isento de controvérsia dogmática – diz o Prof. Burwash, - e é um exemplo admirável da capacidade que possuía Wesley de servir-se de ocasiões especiais para o propósito de imprimir a verdade divina na mente do povo. Contém muitas opiniões e formas de exposição que o próprio autor estaria longe de apresentar como autorizadas. Geralmente ele recita a linguagem das Escrituras, não implicando isso, todavia, em que tal linguagem se deva tomar em sentido semente literal, mas fazendo a interpretação recuar até os dias em que Deus enunciou tais proposições.

Mas esta maneira de pregar é autorizada – e ela evidentemente inclui os seguintes elementos fundamentais de doutrina:

1. A crença inequívoca num definido, juízo final, no fim do presente mundo.
2. A ressurreição universal de justos e injustos, precedendo o juízo.
3. A separação final e irrevogável entre justo e o injusto.
4. Que a base dessas sentenças serão os feitos desta vida.
5. Que o estado final, assim determinado, será imutável e eterno.

Alterar qualquer dessas proposições seria destruir toda a significação e força da pregação de Wesley. De fato, esses dogmas entram na própria essência de sua doutrina, e entra muito mais profundamente do que podem fazê-lo em qualquer sistema que um prévio decreto de Deus realmente fixe o destino final. Nesses sistemas haveria lugar para o universalismo ou para o restauracionismo: no de Wesley nenhum lugar existe para essas doutrinas”.

É digno de nota que Wesley foi convidado, depois deste sermão, a jantar com Sir. Edward Clive. Esse convite não foi aceito, em razão de compromissos em Epworth, na noite seguinte. Wesley montou em seu cavalo e venceu 50 quilômetros naquele dia, um sábado, através de estradas péssimas, tendo tido ocasião de fazer 150 quilômetros em dezessete horas, sob chuva e neve. E isso quando estava com 56 anos de idade.

### ESBOÇO DO SERMÃO 15

A solenidade do momento e sua expressão exterior. A muito mais terrível solenidade do juízo final. O efeito que ele terá sobre a sociedade humana.

I. As circunstâncias que precedem o juízo. Os sinais que o anunciam. A ressurreição geral, que será universal. O ajuntamento dos eleitos de todas as nações.

II. O próprio juízo.

O Filho de Deus é o Juiz. O tempo designado como o Dia do Senhor pode ser de longa duração; o plano não é revelado. As pessoas julgadas: toda a humanidade, sem exceção, individualmente, dará contas de todos os atos, palavras e pensamentos. Os justos, assim como os ímpios, serão julgados imparcialmente, à luz de seus feitos. A sentença final será imutável.

III. As circunstâncias envolventes:

1. A execução da sentença. A passagem da presente ordem de coisas. Isto não está acima do poder de Deus. A nova ordem da natureza, na qual o pecado será abolido, assim como todos os seus resultados, tornando-se universal a santidade.

IV. Aplicação.

1. Quanto ao juiz. A honra e a responsabilidade de seu ofício.
2. Quanto aos oficiais. Seus deveres para com Deus, para com o rei e para com os princípios da justiça.

3. Quanto a todos da assembléia, chamando-os solenemente diante do tribunal de Deus para receber o testemunho de sua própria consciência.

## SERMÃO 15

### O GRANDE TRIBUNAL

Pregado perante o tribunal reunido ante o *Honourable* Sir Edward Clive, Cavalheiro, um dos Juizes da Corte de Processo Ordinário de Sua Majestade, na Igreja de S. Paulo, Bedford, na sexta-feira, 10 de março de 1758.

Publicado a pedido de William Cole, Esq., High Sheriff do Condado, e outros.

“Todos comparecemos ante o tribunal de Cristo”

(Romanos 14.10)

**1.** QUANTAS circunstâncias concorrem para aumentar a imponência da presente solenidade! O concurso geral de pessoas de todas as idades, sexo, categoria social e condição de vida, reunidas voluntária ou forçosamente, das vizinhanças e de lugares distantes; *criminosos*, prestes a seguirem seu destino e sem meios de escapar a ele; oficiais, atentos em seus vários postos, prontos para cumprirem as ordens que lhes forem dadas; e os representantes de nosso gracioso Soberano, a quem tão altamente reverenciamos e honramos. A função desta assembléia aumenta-lhe não pouco a solenidade: ouvir e julgar causas de toda espécie, algumas da mais importante natureza, delas dependendo não menos que a vida ou a morte, – a morte, que descerra a face da eternidade! Foi, sem dúvida, para aumentar o sentimento da seriedade dessas coisas, e não para impressionar somente o espírito das massas, que a sabedoria de nossos antepassados não desdenhou de fixar as particularidades mínimas desta solenidade. Por isso, também, sendo certo que por meio dos olhos ou dos ouvidos mais profundamente se pode tocar o coração, - trombetas, bastões, uniformes, não são aparatos desprezíveis ou insignificantes, mas servem, segundo sua espécie e em seu próprio lugar, a fins sociais da maior relevância.

**2.** Mas, por mais imponente que seja esta solenidade, outra muito mais transcendente se acha às portas. Porque, ainda um pouco, e nós “compareceremos ante o tribunal de Cristo”. “Como eu vivo, diz o Senhor, todo joelho se dobrará diante de mim e toda língua confessará a Deus”. E naquele dia “cada um de nós dará contas de si a Deus”.

**3.** Tivessem todos os homens profunda convicção disto – e quão eficientemente não conseguiríamos os interesses da sociedade! Porque, que motivo mais imperioso pode ser concebido para a prática da moralidade, para o firme cultivo da virtude mais sólida, para nadar sem desvios nas veredas da justiça, da misericórdia e da verdade? Que poderia melhor fortalecer-nos as mãos para a prática de todo o bem, para refrear-nos do mal, do que a firme convicção de que “O juiz está à porta” e que, em breve, compareceremos diante dele?

**4.** Não é, pois, fora de propósito, nem destoante dos objetivos da presente Assembléia, considerarmos:  
I. Os principais eventos que precederão nosso comparecimento ante o tribunal de Cristo;  
II. O próprio juízo; e  
III. Alguns eventos que se seguirão.

<p><b>I</b></p> <p>Consideremos, em primeiro lugar, os principais eventos que precederão nosso comparecimento ante o tribunal de Cristo.</p> <p><b>1.</b> Deus mostrará “sinais em baixo na terra” (At 2.19); haverá particularmente “terríveis tremores na terra”. “A terra cambaleará como um bêbado, e será removido como uma choça” (Is 24.20). “Haverá terremotos”, kata to ouV;(não apenas em diversos, mas) em todos os lugares”; não somente em um, ou em poucos, ms em todos os pontos do mundo habitável (Lc 21.11); e “tais como nunca os houve desde que existem homens sobre a terra, terremotos tão fortes e tão grandes”. Em consequência de um deles, “todas as ilhas serão submersas e as montanhas não mais serão achadas” (Ap 16.20). Entretanto, todas as águas do globo terráqueo sentirão a violência daqueles choques; “o mar e as ondas rugirão” (Lc 21.25) com tal furor, como nunca dantes haviam experimentado, desde a hora em que “as fontes do grande abismo foram rompidas” para destruir a terra, que então “se destacou das águas e do meio das águas”. O ar será tépido e tempestuoso, cheio de vapores tenebrosos e blocos de nuvens (Jl 2.30), ressoando co trovões de pólo a pólo e sulcado de dez mil relâmpagos. Mas a comoção não se limitará aos domínios do ar: “as potestades do céu também serão abaladas. Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas” (Lc 21.25,26), tanto nas fixas, como nas que se movem em torno delas. “O sol se converterá em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor” (Jl 2.31). “As estrelas perderão seu brilho” (Jl 3.15) e “cairão dos céus” (Ap 6.13), saindo de suas órbitas. E então se ouvirá o <i>clamor</i> universal, partindo de todos os habitantes do céu, seguido pela “voz do arcanjo” a proclamar a aproximação do Filho de Deus e do Homem, e a “trombeta de Deus” fará soar um toque de alarme dirigido a todos os que dormem no pó da terra (1Ts 4.16). Em consequência, abrir-se-ão todos os sepulcros e ressurgirão os corpos. Também o mar entregará os mortos que nele jazem (Ap 20.13) e cada um se levantará com “seu próprio corpo”: seu próprio corpo em substância, embora tão mudado em suas propriedades como não podemos agora conceber. “Porque este corpo corruptível será” então “mudado em incorrupção, e este corpo mortal mudado em imortalidade” (1Co 15.53). “A Morte e a Hades”, o mundo invisível, “entregarão os mortos que neles há” (Ap 20.13). Deste modo, tudo que passou pela vida, desde que Deus criou o homem, levantar-se-á incorruptível e imortal.</p>	
<p><b>2.</b> Ao mesmo tempo, “o Filho do Homem aparecerá em meio de seus anjos” à vista de toda a terra; e os anjos “reunirão os eleitos de Deus, chamando-os dos quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus” (Mt 24.31). E o próprio Senhor virá nas nuvens em sua própria glória e na glória de seu Pai, com milhares de seus santos, miríades de anjos, e assentar-se-á sobre o trono de sua glória. “E diante dele serão reunidas todas as nações, e separará uns dos outros, e porá as ovelhas”, isto é, os bons, “à sua direita, e os cabritos”, isto é, os maus, “à esquerda” (Mt 25.31ss). Pensando nessa assembléia geral, o discípulo amado assim se expressa: “Vi os mortos”, todos os que tinham estado sob a condição de mortos, “grandes e pequenos, perante Deus; e foram abertos os livros (expressão figurada, visivelmente tirada dos usos seguidos pelos tribunais humanos), e os mortos foram julgados segundo o que estava escrito nos livros acerca de suas obras” (Ap 20.12).</p>	
<p><b>II</b></p> <p>Esses são os principais eventos registrados nos Oráculos de Deus, precedendo o juízo universal. Consideremos, em segundo lugar, o juízo em si mesmo, na medida em que o permita a Revelação que aprouve a Deus ministrar aos homens.</p>	
<p><b>1.</b> A pessoa pela qual Deus julgará o mundo é seu Unigênito Filho, “cujas saídas são desde a eternidade”, “que é Deus sobre todas as coisas, bendito para sempre”. A Ele, que é “o resplendor da glória de seu Pai” “entregou todo o juízo, porque Ele é filho do homem” (Jo 5.22,27); porque, subsistindo “em forma de Deus, e não tendo como usurpação o igualar-se a Deus, todavia esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, feito segundo a semelhança do homem” (Fl 2.6,7); porque “achando-se em figura de homem, humilhando-se a si mesmo”, as ponto de “tornar-se obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou soberanamente”, em sua natureza humana, e “determinou que Ele”, como homem, julgasse os filhos dos homens, “tornando-se juiz de vivos e mortos”, isto é, tanto dos que então estiverem vivos, como daqueles que, à sua vinda, já desde muito tempo se tenham reunido a seus pais.</p>	

<p><b>2.</b> A época, chamada pelo profeta “o grande e terrível dia”, é geralmente designada, nas Escrituras, como o <i>dia do Senhor</i>. O tempo que decorre entre a Criação do homem e o fim de todas as coisas, é o <i>dia dos filhos dos homens</i>: o tempo que ora se escoar é propriamente o <i>nosso dia</i>; quando este se findar, começará o <i>dia do Senhor</i>. Quem pode dizer quanto durará esse dia? “Para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia” (2Pd 3.8). Desta expressão alguns pais antigos inferiram que o chamado dia do juízo é, na verdade, um milênio: parece que eles são ultrapassaram os limites da verdade, nem provavelmente se apegaram rigidamente a ela. Porque, se considerarmos o número de pessoas a serem julgadas e as ações que serão objeto de exame, não parece que mil anos bastem aos trabalhos daquele dia; pode ser que não seja improvável que esse dia abranja milhares de anos. Todavia, Deus também revelará isto oportunamente.</p>	
<p><b>3.</b> Em relação ao local em que a humanidade será julgada, não temos a clara indicação nas Escrituras. Um eminente escritor (e não somente esse, mas têm sido muitos os que partilham a mesma opinião), supõe que o juízo será sobre a terra, onde foram praticadas as obras de que os homens darão conta, empregando Deus, nesse trabalho, os anjos de suas hostes –</p>	
<p>“Para aplinar e distender o espaço sem limites E espaçar um átrio que contenha toda a raça humana.”</p>	
<p>Talvez seja, entretanto, mais consentâneo com nossa idéia da vinda do Senhor sobre as nuvens, supor que o juízo se dê acima da terra, senão mesmo a uma “altura duas vezes planetária”. Tal suposição não é menos favorecida pelo que S. Paulo escreve aos Tessalonicenses: “Os mortos em Cristo se levantarão primeiro. Depois nós, que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, para nos encontrarmos com o Senhor nos ares” (1Ts 4.16,17). Assim, parece mais plausível que o grande trono branco seja colocado muito acima da terra.</p>	
<p><b>4.</b> Quanto às pessoas a serem julgadas, quem as poderá contar? Mais fácil seja contar as gotas da chuva ou as areias do mar. “Eis que vi”, diz S. João, “uma grande multidão que ninguém podia contar, vestida de roupas brancas e tendo palmas em suas mãos”. Como deve ser imensa a multidão total de todas as nações, e reinos, e povos, e línguas; de todos os que precedem do Adão distante, desde que o mundo começou até a consumação do século! Se admitirmos a suposição corrente, que de modo algum parece absurda, segundo a qual a terra conta, em qualquer tempo dado, não menos de quatrocentos milhões de almas viventes, - homens, mulheres e crianças, - que assembléia formarão todas as gerações que se tem sucedido por milhares de anos!</p>	
<p>“O mundo do grande Xerxes em armas, a hoste orgulhosa de Canes, Todos ali estão; e ali todos se perdem. Em vão se tenta discernir esse número que se avoluma; Esse número – que é como gota que se perde no infinito oceano!”</p>	
<p>Cada homem, cada mulher, cada criança de dias, que tenha respirado o ar vivificante, ouvirá então a voz do Filho de Deus, e saltará para a vida, pondo-se então diante dele. Esta parece ser a significação natural da expressão: “os mortos, pequenos e grandes”; a universalidade dos homens, sem exceção, de todas as idades, sexo e condição; todo ser humano que tenha vivido e morrido, ou tenha sofrido transformação igual à morte. Muito antes daquele dia, o fantasma da grandeza humana desaparecerá, reduzindo-se a nada. No momento da morte tudo se esvai. Quem é rico ou poderoso em face do sepulcro?</p>	
<p><b>5.</b> E todo homem “dará conta de suas próprias obras”, uma conta clara e verdadeira de tudo quanto houver feito, estando ainda no corpo, seja de bem, seja de mal. Oh! Que cena se desenrolará então, à vista dos anjos e dos homens! Não é o fabuloso Radamanto, mas o Senhor Deus Todo-poderoso, que conhece todas as coisas nos céus e na terra, —</p>	
<p>“Castigatque, auditque dolos; subgitque fateri Quae quis apud superos, furto laetatus inani, Distulit in seram commissa piacula mortem”.</p>	

<p>Não serão apenas as ações de todo filho do homem que se desvendarão, mas também todas as suas palavras, visto que “de toda palavra ociosa que os homens disseram darão contas no dia do juízo” (Mt 12.36-37); pois que “pelas tuas palavras”, tanto como pelas tuas obras, “serás justificado, e pelas tuas palavras serás condenado”. E não quererá Deus trazer também a lume toda circunstância que tenha envolvido cada ação ou palavra e que, se não alterou a natureza do ato, pelo menos lhe atenuou ou aumentou a bondade ou a iniquidade? E como será isso fácil Àquele que está “a beira de nosso leito rente de nossos passos, e vela sobre todos os nossos caminhos!” Sabemos que “as trevas não são escuras para Ele, mas a noite refulge como o dia”.</p>	
<p><b>6.</b> Ademais, Ele trará a luz não apenas as obras ocultas das trevas, mas todos os pensamentos e intenções do coração. E que maravilha há nisso? Ele “esquadrinha os rins e sonda todos os nossos pensamentos”. “Todas as coisas estão nuas e descobertas aos olhos daquele a quem temos de dar contas”. “O inferno e a perdição diante dele estão desvendados; quanto mais o coração dos filhos dos homens!”</p>	
<p><b>7.</b> Naquele dia será revelada toda operação secreta de toda alma humana; todo apetite, paixão, pendor, afeto, com suas várias combinações, com todas as tendências e disposições que constituem o caráter complexo de cada indivíduo. Assim será clara e infalivelmente visto o que fora justo e o que fora injusto, e em que escala fora bom ou mau cada ato, cada indivíduo, o caráter de cada um.</p>	
<p><b>8.</b> “Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Porque tive fome e me deste de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e recolhestes-me; estava nu, e me vestistes”. Do mesmo modo, todo o bem que eles fizeram sobre a terra será relembado diante dos homens e dos anjos; o que tiverem feito, seja em palavra ou em ação, em nome ou por amor do Senhor Jesus. Todos os seus bons desejos, intenções, pensamentos; todas as suas disposições santas serão também lembradas; e resultará então que, embora fossem ignorados ou esquecidos entre os homens, Deus os anotava em seu livro. Igualmente seus sofrimentos pelo nome de Jesus e em razão do testemunho de uma boa consciência, serão revelados para seu louvor, por parte do justo Juiz, para sua honra em face dos santos e dos anjos e para aumento daquele “excelente e eterno peso de glória”.</p>	
<p><b>9.</b> Mas também seus feitos maus (uma vez que, tomada a vida em seu conjunto, nenhum homem há sobre a terra que viva sem pecar), serão recordados naquele dia e lembrados perante a grande congregação? Muitos pensam que não; e perguntam: “Não implicaria isto em que seus sofrimentos continuassem ainda, mesmo tendo terminado a vida, - visto que ainda teriam tristeza, vergonha e confusão de rosto a suportar?” E vão além, indagando: “Pode-se conciliar isto com a declaração de Deus feita pelo profeta: “Se o ímpio voltar-se de todos os pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer aquilo que é reto e justo, todas as transgressões que houver cometido, não serão mais argüidas contra ele”? (Ez 18.21,22). Como se poderia conciliar a revelação das faltas passadas com a promessa que Deus faz a todo que aceite o pacto do Evangelho: — “Perdoarei suas iniquidades, e não me lembrarei mais de seus pecados”? (Jr 31.34), ou, como se expressa o apóstolo: “Serei misericordioso para com as suas injustiças, e de seus pecados e iniquidades não mais me lembrarei”? (Hb 8.12).</p>	
<p><b>10.</b> Pode-se responder que é, segundo parece, absolutamente necessário à plena demonstração da glória de Deus – para a manifestação clara e perfeita de sua sabedoria, justiça, poder e misericórdia para com os herdeiros da salvação, - que todas as circunstâncias de sua vida sejam desnudas, juntamente com suas tendências, e todos os desejos, pensamentos e intenções do coração; de outro modo, como poderia fazer-se claro o abismo de pecado e miséria de que os libertou a graça de Deus? Na verdade, se a vida integral de todos os filhos dos homens não fosse abertamente revelada, não se manifestaria toda a espantosa textura da divina Providência, nem poderíamos nós, em milhares de casos, “justificar os caminhos usados por Deus no trato com o homem”. A não ser que as palavras de Deus se cumprissem no seu mais elevado sentido, sem qualquer restrição ou limitação, — “Nada há oculto que não será descoberto, nem escondido que não será revelado” (Mt 10.26), — grande cópia das dispensações de Deus debaixo do sol ainda ficariam sem razão de ser. Somente depois que Deus houver trazido à luz todas as obras ocultas das trevas, quaisquer que sejam as pessoas nelas envolvidas, é que se verá quão sábios e bons são os seus caminhos; que Ele tudo via por entre as nuvens e tudo governava segundo o sábio conselho de sua própria vontade; que coisa alguma fora deixada ao acaso ou ao mero capricho dos homens, mas Deus tudo dispôs firme e suavemente, entrelaçando tudo numa cadeia contínua de justiça, misericórdia e verdade.</p>	

<p><b>11.</b> Na revelação das perfeições divinas se regozijarão os justos com alegria indizível, capaz de suplantar todos os sentimentos de penosa tristeza ou vergonha por motivo de quaisquer transgressões passadas, já de há muito desfeitas como a névoa, lavadas que foram no sangue do Cordeiro. Será mais do que suficiente saberem que todas as transgressões que cometeram jamais serão argüidas em seu desfavor; que seus pecados, transgressões e iniquidades jamais se lembrarão para sua ruína. Esta é a clara significação da promessa – e seu cumprimento se patenteará verdadeiramente a todos os filhos de Deus, para seu eterno conforto.</p>	
<p><b>12.</b> Depois de terem sido julgados os justos, o Rei se voltará para os que se acharem à sua esquerda – e também estes serão julgados, cada um segundo suas obras. Não somente suas obras externas serão aparecidas, mas também todas as palavras más que tiverem alguma vez proferido, e ainda todos os desejos maus, afeições, tendências, que tiverem estado presentes em sua alma ou dela ausentes, segundo as circunstâncias; e todos os maus pensamentos ou desígnios que foram acariciados em seu coração. A gloriosa sentença de absolvição será então lavrada em benefício dos que estiverem à sua direita; a terrível sentença de condenação pesará sobre os da esquerda – e ambas permanecerão fixas, e serão inabaláveis como o trono de Deus.</p>	
<p><b>III</b></p> <p><b>1.</b> Devemos considerar, em terceiro lugar, alguns eventos que se seguirão ao juízo universal. O primeiro é a execução da sentença pronunciada acerca dos maus e dos bons: “aqueles irão à perdição eterna e os justos à vida eterna”. Observe-se que a palavra usada na primeira cláusula é exatamente a mesma que se emprega na última, de onde se segue que, se a punição dura para sempre, também a recompensa não terá fim, nunca, a não ser que Deus se extinguisse ou que sua misericórdia e sua veracidade falhassem. “Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai” e “beberão das torrentes de prazer que correm à mão direita de Deus, para sempre”. Mas aqui todas as descrições se tornam demasiadamente pálidas, vacila toda a linguagem humana! Somente aquele que foi arrebatado até o terceiro céu pode ter uma concepção justa da realidade, mas esse tal não pode traduzir em palavras o que viu: são coisas que do homem é impossível dizer.</p> <p>Ao mesmo tempo os maus se encaminharão para o inferno, formando o povo que se esqueceu de Deus. Eles serão “punidos com o extermínio eterno da presença do Senhor e da glória de seu poder”. Serão “lançados no lago de fogo ardente com enxofre”, originalmente “preparado para o diabo e seus anjos”, onde roerão de angústia e dor a própria língua e, voltando-se para cima, amaldiçoarão a Deus. Ali os cães do inferno – orgulho, malícia, vingança, raiva, horror, desespero, - continuamente os devorarão. Ali “eles não tem repouso, nem de dia, nem de noite, mas a fumaça de seu tormento sobe para todo o sempre!” Porque “não morre seu verme, nem o fogo se extingue”.</p>	
<p><b>2.</b> Então os céus se enrolarão como um pergaminho e passarão com grande estrondo: “fugirão da presença daquele que se assenta sobre o trono, e não se achará lugar para eles” (Ap 20.11). O modo por que eles passarão não nos é revelado pelo apóstolo Pedro: “No dia do Senhor os céus, em chamas, se dissolverão” (2Pd 3.12). Toda sua bela estrutura será subvertida por aquele elemento em fúria, seus engates serão rompidos e não haverá átomo. Do mesmo modo “também a terra e as obras que nela há serão queimadas” (versículo 10). As obras enormes da natureza, os cismos eternos, as montanhas que tem desafiado a cólera do tempo, permanecendo de pé por milhares de anos, - tombarão em ruínas ardentes. Como poderão as obras de arte, mesmo da espécie mais duradoura, filhas das mais requintados esforços do engenho humano, - túmulos, colunas, arcos de triunfo, castelos, pirâmides, - resistir à fúria do conquistador flamejante? Tudo, tudo morrerá, perecerá, dissipar-se-á, como se desfaz um sonho quando o sonhador desperta!</p>	
<p><b>3.</b> Alguns homens, notáveis e bons, imaginaram, na verdade, que a mesma soma de poder requerida para a criação das coisas se fazia mister à destruição delas; tanto custa reduzir a nada como produzir do nada. Deste modo, nenhuma partícula ou átomo do universo se pode total ou definitivamente destruir. Eles supõem, antes, que, como a derradeira operação do fogo, segundo nos tem sido dado observar, é vitrificar aquilo que, por um exercício menos intenso, se havia antes reduzido a cinzas, assim, no dia estabelecido por Deus, toda a terra, senão também os céus materiais, sofrerão essa mudança, além da qual o fogo nenhuma outra ação possui sobre tais elementos. Acreditam esses homens que isso é dado a entender pelos termos da revelação feita pelo autor do Apocalipse: “Diante do trono estava um mar de vidro, como de cristal” (Ap 4.6). Não podemos agora nem afirmar, nem negar que assim será; mas sabê-lo-emos no devido tempo.</p>	

<p>4. Se os motejadores, os filósofos migalheiros; perguntarem: “Como podem ser essas coisas? De onde viria tal quantidade imensa de fogo para consumir o céu e todo o globo terráqueo?” Pediríamos licença para lembrar-lhes, primeiro, que essa dificuldade não é peculiar ao sistema cristão. A mesma opinião circulava quase universalmente entre os pagãos <i>não devotos</i>. Assim, um daqueles célebres livres-pensadores fala, segundo o sentir geralmente aceito:</p>	
<p>“Esse quoque in fati reminiscitur, affore tempus, Quo mare, quo tellus, correptaue regia coeli Ardeat, et mundi moles operosa laboret”.</p>	
<p>Mas, em segundo lugar, é fácil responder, mesmo de nosso ponto de vista e em concordância superficial com as coisas naturais, que há abundantes reservas de fogo adrede preparadas e armazenadas para o dia do Senhor. Quão rapidamente pode um cometa, ao mando de Deus, visar as partes mais remotas do universo! E tocasse ele a terra, após sua passagem rente do sol, quando seu calor é alguns milhares de vezes mais intenso do que o de incandescente bala de canhão, quem não preveria qual fosse a conseqüência imediata? Mas, sem ir tão longe como aos céus etéreos, não poderiam os próprios raios, que “dão brilho ao mundo”, semear ruína e completa destruição, se ordens em tal sentido fossem dadas pelo Senhor da natureza? Ou, para não sairmos deste próprio globo: quem sabe que reservatórios inesgotáveis de fogo líquido estão de era em era acumulando-se nas entranhas da terra? E Etna, o Hecla, o Vesúvio, e todos os demais vulcões que lançam chamas e brasas, - que são eles, senão outras tantas provas, outras bocas dessas tremendas fornalhas, e ao mesmo tempo evidências de que Deus tem muito à mão os meios de cumprir sua Palavra?</p>	
<p>Ainda mais: se nada pudéssemos observar além da superfície da terra, as coisas que nos rodeiam, com toda certeza, (como provam milhares de experiências, de modo a excluir-se qualquer possibilidade de dúvida), que nós, nós mesmos, todo nosso corpo, estamos impregnados de fogo, assim acontece com todas as coisas que existem em volta de nós. Não é fácil tornar-se esse fogo etéreo visível, mesmo a olho nu, e com ele produzir-se exatamente os mesmos resultados que se colhem do fogo doméstico em relação aos materiais combustíveis? Custa, então, a Deus maior esforço romper a cadeia secreta pela qual esse agente irresistível, o fogo, agora refreia seu ímpeto e dorme tranqüilo no seio de toda partícula de matéria? E quão vertiginosamente poderia ele reduzir a pedaços a estrutura universal, envolvendo tudo em ruína niveladora!</p>	
<p>5. Mas uma circunstância há que, seguindo-se ao juízo, merece nossa mais séria consideração. “Esperamos” – diz o apóstolo – “consoante sua promessa, novos céus e nova terra, onde habita a justiça” (2Pd 3.13). A promessa se acha na profecia de Isaías: “Eis que eu crio novos céus e nova terra: e os anteriores não serão lembrados” (Is 45.17), - tão grande será a glória dos últimos! Isso S. João contemplou nas visões de Deus. “Vi um novo céu e uma nova terra; porque o primeiro céu e a primeira terra tinham passado” (Ap 21.1). E somente os justos ali habitam. Coerentemente acrescenta ele: “E vi uma grande voz do “terceiro” céu, dizendo: eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, e Ele habitará em meio deles, e eles serão o seu povo; e o próprio Deus estará com eles e será seu Deus” (31.3). Necessariamente todos serão felizes: “Deus enxugará todas as lágrimas de seus olhos; e não mais haverá morte, nem tristeza, nem gemidos, e nem haverá jamais ali nenhuma dor” (20.4). “Não haverá maldição, mas eles verão sua face” (22.3,4): terão o mais fácil acesso a Deus e a mais alta semelhança com Ele. Esta é a mais forte expressão na linguagem das Escrituras, no intuito de definir a felicidade completa. “E seu nome será sobre suas fronte”: serão abertamente reconhecidos como possessão de Deus e sua natureza gloriosa mais visivelmente brilhará neles. “E ali não haverá noite; não terão necessidade de lâmpada, nem da luz do sol; porque o Senhor Deus os iluminará: e eles reinarão para sempre”.</p>	
<p><b>IV</b> Resta somente aplicar as considerações precedentes a todos os que aqui estamos na presença de Deus. E não somos diretamente lavados a isso pela presente solenidade, que tão de perto nos fala daquele dia, quando o Senhor julgará o mundo com justiça? Levando-nos à consideração daquela mais tremenda quadra, esta solenidade nos fornece, portanto, muitas lições instrutivas. Tomo liberdade de tocar em algumas delas. E que Deus as escreva todas em nossos corações!</p>	

<p><b>1.</b> Primeiro, quão formosos são os pés dos que são enviados pela sábia e graciosa Providência de Deus, a executar justiça sobre a terra – a defender o ofendido e punir o delinqüente! Não são eles os ministros de Deus, estabelecidos para nosso bem; os eminentes sustentáculos da tranquilidade pública; os patronos da inocência e da virtude; a firme segurança de todas as nossas bênçãos temporais? E não representa cada um deles, não meramente um príncipe terreno, mas o Juiz da terra, - Aquele cujo “nome se acha escrito sobre sua coxa, Rei dos reis e Senhor dos Senhores”? Oh! que todos estes filhos da mão direita do Altíssimo sejam santos como Ele é santo, sábios, dotados da sabedoria que se assenta sobre seu trono, semelhantes àquele que é a eterna Sabedoria do Pai! Não fazendo acepção de pessoas, como Deus não na faz, mas retribuindo a cada um segundo suas obras; como Deus, inexorável, inexoravelmente justos, conquanto piedosos e cheios de eterna misericórdia! Deste nodo os juízes serão, na verdade, terríveis para com os que praticam o mal, não trazendo a espada em vão; assim as leis de nosso país terão sua devida eficácia e devida honra, e o trono de nosso rei permanecerá firmado na justiça.</p>	
<p><b>2.</b> Digníssimos senhores, a quem Deus e o rei cometeram, em esfera mais restrita, a administração da justiça, não podeis ser comparados àqueles espíritos ministrantes, que assistem ao Juiz que desce das nuvens? Que, como eles, vos abraçais de amor a Deus e aos homens! Amaí a justiça, aborreceí a iniquidade! Ministrai, todos vós, em vossas diferentes esferas de ação (tal honra Deus vos deu também!) àqueles que serão herdeiros da salvação, para a glória de vosso grande Soberano! Que possais fazer lembrar os fundadores da paz, as bênçãos e os adornos de vossos pais, os protetores de uma terra culpada, os anjos guardiões de tudo quanto se encontre em torno de vós!</p>	
<p><b>3.</b> Vós, cujo ofício consiste em executar o de que vos encarregou Aquele em cuja presença estais, como vos pareceis de perto com os que permanecem perante o trono do Filho do Homem, como seus servos, fazendo sua vontade e atendendo à voz de suas palavras! Não vos preocupa altamente o serdes tão impolutos quanto eles o são? Serdes aprovados como servos de Deus, agindo retamente e amando a misericórdia, fazendo a todos como desejaríeis que os outros vos fizessem? Assim sendo, aquele grande Juiz, debaixo de cujo olhar continuamente estais, também vos dirá: “Bem está, servos bons e fiéis; entrai no gozo de vosso Senhor”!</p>	
<p><b>4.</b> Permite-me acrescentar algumas palavras dirigidas a todos que estais hoje na presença do Senhor. Poderíeis deixar de guardar em vossas mentes, durante todo o dia, o pensamento de que um dia mais terrível está a chegar? Grande assembléia, esta! Mas, o que representa ela em contraste com a assembléia que todo o olho o verá diante de si, a assembléia geral de todos os filhos dos homens que passaram pela face da terra? Uns poucos comparecerão perante o tribunal neste dia, para responder por aquilo que lhes foi imputado; e estes estão agora conservados em prisão, talvez em cadeias, até que sejam trazidos a julgamento e sentenciados. Mas “nós compareceremos todos”, eu que falo e vós que ouvís, “perante o tribunal de Cristo”. Agora estamos segregados neta terra, que não é nosso lar, nesta prisão de carne e sangue, muitos dentre nós talvez também em algemas de escuridão espiritual, até que seja ordenada nossa partida. Aqui o homem é chamado a responder por um ou dois delitos, cuja autoria lhe é imputada. Ali seremos chamados a dar contas de todas as nossa obras, desde o berço até o túmulo; de todas as nossas palavras; e de todos os nossos desejos e inclinações, de todos os pensamentos e intenções de nossos corações; do uso que tivermos feito dos vários talentos, quer mentais, físicos, de fortuna, até que Deus diga: “Dá-me conta de tua mordomia, porque já não podes continuar”. É possível que, neste tribunal, alguns culpados escaparem por falta de provas; mas, perante aquele outro tribunal, não haverá falta de evidência. Todos os homens com quem tendes tido as relações íntimas, que acompanharam todos os vossos desígnios e ações, estão, por isso mesmo, patentes ante vossa face. Assim são todos os espíritos de trevas, que inspiram maus intuitos e assistem na execução deles. Assim são todos os anjos de Deus; são os olhos do Senhor, que giram de um para outro ponto da terra, que vigiam sobre vossa alma e trabalham por vosso bem, na medida em que o permitis. Assim é vossa própria consciência, um milhar de testemunhos em um, agora não mais capaz de se fazer de cega ou de emudecer, mas sente-se constrangida a falar a verdade nua, no tocante a todos os vossos pensamentos, palavras e ações. A consciência é como um milhar de testemunhos? Sim; mas Deus não é como um milhar de consciências? Oh! quem pode manter-se perante a face do grande Deus, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo!</p>	
<p>Vede! Vede! Ele vem! Faz das nuvens seu carro. Cavalga sobre as asas do vento. Um fogo devorador lavra diante dele e após Ele uma chama crepita! Vede! Ele se assenta sobre seu trono, vestido de luz como de um manto, adornado de majestade e de honra. Eis que seus olhos são como chamas de fogo, sua voz como o som de muitas águas!</p>	



<p>Como podereis escapar? Quereis invocar as montanhas para que tombem sobre vós; as rochas, para que vos cubram? Ai! as próprias montanhas, as rochas, a terra, os céus, estão justamente passando! Podeis evitar a sentença? De que modo? Com o valor integral de vossa casa, com milhões em ouro e prata? Infelizes cegos! Nus saístes do ventre da vossa mãe e ainda mais nus passareis à eternidade. Ouvi Senhor, que é o Juiz: “Vinde, benditos de meu Pai! Possuí como herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo”. Jubiloso som! Quão infinitamente diverso daquela outra voz que troa através de toda a expansão dos céus: “Afastai-vos, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos!” E quem pode embaraçar ou retardar a execução de qualquer dessas sentenças? Vã esperança! Eis que o inferno em baixo se move para receber os que se acham maduros para a destruição e as portas eternas se abrem ao alto, para que os herdeiros da glória possam por elas subir!</p>	
<p>5. “Que espécie de pessoas devemos, pois, ser, em toda conversação santa e na piedade?” Sabemos que podemos estar a curta distância da descida do Senhor com voz de arcanjo e trombeta de Deus, quando cada um de nós comparecerá diante dele para dar contas das próprias obras. “Por isso, amados, vigiai e velai sobre as coisas”; uma vez que sabeis que Ele virá e não tardará, “sede diligentes, para que possais ser chamados por Ele em paz, sem mancha inculpáveis. Por que não seríeis achados assim? Por que seria algum dentre vós colocado à mão esquerda de Cristo, na sua vinda? Ele não quer que alguém pereça, mas que todos venham ao arrependimento; pelo arrependimento à fé no ensangüentado Senhor; pela fé ao amor sem defeito, à plena imagem de Deus renovada no coração e produzindo toda a santidade de conversação. Podeis duvidar disto, quando vos lembrais de que o Juiz de todos é ao mesmo tempo o Salvador de todos? Não vos comprou Ele com seu próprio sangue, para que não perecêsseis, mas tivésseis a vida eterna? Oh! provai sua misericórdia, antes que sus justiça; seu amor, antes que o trovejar de seu poder! Ele não está longe de nenhum de nós, e agora vem, não para condenar, mas para salvar o mundo.</p>	
<p>Jesus se detém. Pecador, não bate Ele agora, agora exatamente, à parte de teu coração? Oh! que conheças, ao menos neste teu dia, as coisas que pertencem à tua paz!</p>	
<p>Que vos entregueis agora àquele que se deu a si mesmo por vós, em fé humilde, em santo, ativo e paciente amor! Assim vos regozijareis em excessivo gozo naquele dia, quando Ele vier com poder nas nuvens do céu!</p>	

## QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 15

- P. 1. (§ 1). Que circunstâncias fazem dessa ocasião uma grande solenidade?
- P. 2. (§ 2). Que ocasião mais solene ela sugere?
- P. 3. (§ 3). Que efeito deve causar a observação dessa?
- P. 4. (I. 1). Que se considera em primeiro lugar?
- P. 5. (I. 2). Que se diz aí do grande tribunal?
- P. 6. (II. 1). Por quem será julgado o mundo?
- P. 7. (II. 2). Como a época desse juízo é chamada nas Escrituras?
- P. 8. (II. 3). Que se diz do lugar?
- P. 9. (II. 4). E das pessoas a serem julgadas?
- P. 10. (II. 5). Para que fim serão ela reunidas?
- P. 11. (II. 6). Que será trazido à luz?
- P. 12. (II. 7). Que se diz das operações internas da alma?
- P. 13. (II. 8). Que dirá o Rei aos que estiverem à direita?
- P. 14. (II. 9). Que objeção se faz à menção das más obras?
- P. 15. (II. 10). Como se responde a essa objeção?
- P. 16. (II. 11). Qual será o efeito da descoberta das perfeições divinas?
- P. 17. (II. 12). Que se segue ao julgamento dos justos?
- P. 18. (III. 1). Que circunstâncias se seguem ao juízo?
- P. 19. (III. 2). Que será feito dos céus?
- P. 20. (III. 3). Que tem imaginado alguns homens ilustres e bons? P. 21. (III. 4). Que se diz dos zombadores?
- P. 22. (III. 5). Que circunstância merece séria consideração?
- P. 23. (IV. 1). Que se diz dos ministros de Deus?
- P. 24. (IV. 2). Que se diz dos oficiais presentes?
- P. 25. (IV. 3). Como se dirige a eles o pregador?

P. 26. (IV. 4). Que se diz do auditório?

P. 27. (IV. 5). Como termina o Sermão?